

O Bombeiro

NUMERO UNICO

COMEMORATIVO DO 43.º ANO DA INSTALAÇÃO DA
Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães

Editor — ALVARO FERRA
Propriedade do Corpo Activo dos B. V. de Guimarães
Redacção — Rua de Paio Galvão

GUIMARÃES, 19 DE MARÇO DE 1920

Composto e impresso na Tip. "Porto Medico",
Propriedade da Sociedade Grafica, Lda.
P. da Batalha, 12-a — PORTO

1877-1920

Pelo espirito se unem os que dispersos se encontram.

É este o milagre da ideia.

Na festa de hoje — 43.º aniversario da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães — o Corpo Activo endereça ás suas congeneres do paiz, os mais calorosos e solidarios cumprimentos.



SIMÃO DA COSTA GUIMARÃES

1.º Comandante dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães

Bomberos Voluntarios de Guimarães

CONVIDADO por alguns membros d'esta respeitavel e simpatica colectividade para fazer a apresentação d'um numero unico — O BOMBEIRO, no dia aniversario da sua festa, conheço a minha insuficiencia para tam alto encargo, mas lembrando-me que ha muitos anos assisto como presidente da Direcção ao seu desenvolvimento constante, ao seu progredimento ininterrupto, curvo-me ante o seu honroso convite e eis-me aqui.

Faz hoje 43 anos que foi instalada a Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães.

43 anos d'uma lucta constante pelo seu progredir, pelo seu prosperar passo a passo, hora a hora, dia a dia, chegando assim ao desenvolvimento que todos veem, que todos sentem, que todos conhecem pelos seus relevantes serviços, pela sua heroicidade, quando é necessaria, pelo seu desprendimento da propria vida, quando a ocasião se apresenta.

O seu lema é tam curto que causa assombro; é tam terrivel que faz calafrios aos que contemplam a sua dedicação.

A sua honrosa e humanitaria bandeira tem a seguinte inscripção "Morte ou gloria".

Nada ha que eguale tam desprendida e emocionante expressão.

Tem esta Associação correspondido ás aspirações dos seus instaladores? Sim, e muito além das suas aspirações.

Não se limita somente a debelar incendios, a socorros prontas nas desgraças publicas, a afrontar calamidades, mas os seus dirigentes, os seus comandantes teem cuidado especialmente da educação civil e do melhoramento social dos seus membros devotados, dos seus bombeiros escolhidos.

O 1.º Comandante d'esta corporação o snr. José Martins de Queiroz Minotes, a quem cabem as honras da sua instalação, jamais será esquecido entre os seus grandes benemeritos, ao qual se seguiram o snr. Antonio Augusto da Silva Caldas, que com o snr. Simão Costa (2.º comandante) deram á corporação um desenvolvimento tam importante, que ainda hoje gosamos os efeitos da sua iniciativa pujante, em que se adquiriram a escada Magirus e as bombas á Carlos Metz.

Em 1894 foi construida a parte central do Quartel e em 1896 foi levantada a sua Casa Escola.

Em 1900 foi o seu Quartel ampliado com mais duas Casernas, que lhe deram uma belesa e desenvolvimento de tal ordem, que póde o seu todo considerar-se como um modelo no genero.

Desde que o snr. Simão da Costa Guimarães tomou conta do comando em 1894 tem procurado, junto com o snr. Joaquim Penafort Lisboa e actualmente com o snr. José Luiz de Pina (2.º comandante) dar á Corporação uma vida propria, educativa, instrutiva, caracteristica.



JOSÉ LUÍZ DE PINA

2.º Comandante dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães

O snr. Simão Costa ofereceu uma selecta e variada biblioteca, que contém mais de 1:000 volumes, que se ocupam de todos os conhecimentos scientificos e de recreio, muito para apreciar.

Creou uma caixa de socorros em 1898, a quem forneceu as bases do seu início e que hoje atinge uma verba importante, capaz de provêr á sustentação e tratamento dos seus membros, quer feridos por desastre no cumprimento dos seus deveres, quer pela doença natural.

Em 1913 deu aos Bombeiros 60 capacetes de metal, o que constitue uma prenda valiosissima; e ofereceu uma rica bandeira, bordada a ouro, de grande merecimento material, mas sobretudo de inestimavel valor moral.

O snr. José Luiz de Pina (2.º comandante), que com o snr. Simão Costa honram a 1.ª pagina de O BOMBEIRO, tem contribuido com a sua illustração, com o seu genio educativo, com a sua paciencia ilimitada para o aperfeiçoamento moral e social dos seus subordinados, tendo sempre um conselho a tempo, uma frase a proposito, um acto pronto ou de energia ou de brandura, que secundando os esforços do 1.º comandante, resolve os pequenos atritos,

que ás vezes surgem dum nada e com um nada se resolvem.

Estes dois retratos, pois, que ornamentam esta pagina são o testemunho dum alto valor moral, para todos que os conhecem, que lhe prestam a mais dedicada homenagem e que reconhecem nos homenageados virtudes moraes e sociaes capazes de os tornarem queridos não só dos Bombeiros Voluntarios, seus subordinados, mais ainda de todos que teem a ventura da sua convivencia, a vantagem da sua intimidade.

Não podemos olvidar aqui os nomes dos patrões da 1.^a e 2.^a esquadras, os snrs. Eduardo da Silva Guimarães e Avelino da Silva Guimarães, que tanto teem cooperado na instrucção do Corpo de Bombeiros.

Este Corpo mereceu dos poderes publicos importantes condecorações e assim em 1908 o snr. Simão Costa foi condecorado com o grau de oficial da antiga e nobre Ordem da Torre e Espada, valor, lealdade e merito;

O snr. Joaquim Penafort Lisboa, então 2.^o comandante, com o grau de cavaleiro da mesma Torre e Espada;

E com medalhas de prata — de filantropia, generosidade e merito os snrs. Avelino da Silva Guimarães, Eduardo da Silva Guimarães, Francisco Andrade, Francisco da Silva Guimarães, Augusto Marques, Francisco Teixeira Mendes e os falecidos Francisco Paredes e Miguel Peixoto (o Cartada), victima dum terrivel incendio.

Em 1902 foi creada uma medalha de prata, destinada aos seus membros, que tenham completado 25 anos de serviço activo e moldear.

O primeiro que recebeu esta medalha foi o snr. Avelino da Silva Guimarães, patrão da 2.^a esquadra.

Em 1916 a receberam os snrs. Simão Costa, 1.^o comandante, Eduardo da Silva Guimarães, patrão da 1.^a esquadra e Francisco Paredes, já falecido.

Hoje toca a vèz aos snrs. Manuel Joaquim (aspirante), admitido como bombeiro em 5 de março de 1894, e João da Silva, admitido em 31 de outubro de 1893.

Estes dois membros da Corporação dos Bombeiros, com nomes tam desataviados de apelidos, são dois heroes que há mais de 25 anos trabalham desinteressadamente no progredimento da Corporação, que tanto presam, que tanto amam e pela qual, como os demais companheiros, estão prontos a dar até a propria vida, tendo-lhe já dado os maiores sacrificios de tempo e de comodidades, de aconchegos do lar e de affectos de familia, de muitas horas que podiam gosar em descanso, e de muitos momentos que podiam usufruir em prazeres innocentes.

Curvemo-nos ante os heroes desta Corporação, tam humildes, tam benemeritos, tam recatados, tam dignos das co-

roas imarcessiveis de outros heroes, que as ganharam derramando o sangue de seus irmãos, ao passo que estes não as querem, derramando o seu sangue em beneficio dos seus semelhantes, vexados por alguma calamidade ou desgraça iminente.

Guimarães, 19-3-1920.

P.^e ABILIO DE PASSOS.

Simpática iniciativa

A CAMARA Municipal da nossa terra, de acôrdo com a Corporação dos Bombeiros Voluntarios, tomou a iniciativa, como é sabido, de conseguir a aquisição dum *auto-bomba*, dirigindo-se para esse fim às Companhias de Seguros. Várias diligências teem sido feitas no sentido de dar



EDIFICIO DOS BOMBEIROS VOLUNTARIOS

satisfação a tam legitima aspiração, mórmente num concelho onde há centros tam produtivos para a indústria dos seguros — como sejam Pevidem, Campelos, Vizela, Taipas, S. Torquato — e onde só tarde podem chegar os serviços de salvação.

Por acharmos interessante a proposta apresentada, reproduzimo-la aqui na sua integra:

Um Auto-Bomba. — Havendo esta Câmara organizado os seus serviços de incendios em 1788, veio mais tarde a confiar o encargo dos mesmos serviços, mediante a concessão dum subsídio, á Corporação dos Bombeiros Voluntarios — instituição que fundada em 1877 tem até hoje prestado relevantissimos serviços á população desta terra, e nomeadamente tem contribuído, *sem nenhuma espécie de remuneração*, para a defesa dos constituídos e importantes interesses das Companhias de Seguros

Pode dizer-se, pois, que há 132 anos vem este município ajudando o custeamento dos serviços de salvação pública, sem que, contudo, haja lei que o coaja á obrigação de oferecer esses serviços gratuitamente ás Companhias de Seguros que, como é óbvio, deles se utilizam.

Por sua vez a Corporação dos Bombeiros Voluntarios que com inexcusable coragem não só defende a vida dos seus concidadãos, como se esforça, até ao sacrificio extremo, *pela defesa dos valores segurados*, jámais teve por si outro auxilio, exceptuado o auxilio municipal, que não fôsse a quota dos seus sócios e aquele abnegante altruismo dos seus bombeiros, dos quais, rememorar-lhes os feitos de tantos anos, é proclamar gloriosa e benemérita a simpática corporação

— porventura a mais bem organizada e instalada das suas congêneres em terras da provincia.

Ora succede que em Lisboa uma lei obriga as Companhias de Seguros a contribuir com quantia não inferior a 30:000 escudos para os serviços de incendios, e é sabido que no Pôrto as mesmas Companhias concorriam para esses serviços — em antes da iniciativa da Câmara daquela cidade para a municipalisação dos seguros — com um subsídio de 24:000 escudos.

Estabelecidas as devidas proporções, e porque não hão de as Companhias de Seguros colaborar com esta Câmara ajudando-a a contribuir para o engrandecimento dos serviços de que está encarregada a briosa Corporação dos Bombeiros Voluntarios, e os quais, não é de mais repeti-lo, constituem um factor directo da prosperidade dessas mesmas Companhias?

A Câmara Municipal de Guimarães que contribue para os serviços de incendios com um subsídio anual de 1:200 escudos, a par duma conveniente montagem de bôcas de incendios, tem *jus a quem lucra industrialmente com esses serviços* a oíça, e, confiado no alto critério e espirito de justiça das dignas direcções das Companhias de Seguros, nomeadamente as 42 Companhias que teem agentes nesta cidade, para as mesmas redijo a seguinte proposta:

— Que esta Câmara, de acôrdo com a aspiração manifestada pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntarios, desta cidade, convoque a uma reunião os dignos agentes das Companhias de Seguros no sentido de, por intermédio dos mesmos ou com a sua cooperação, obter das Companhias que representam, um subsídio para a aquisição dum Auto-Bomba, tam necessário para os serviços de incendios afóra de portas. — *A. L. de Carvalho.*

E agora para remate diremos: que há as melhores esperanças de vêr coroada de bom êxito esta simpática iniciativa, o que é motivo para nos felicitar-mos — nós, os bombeiros, que assim veremos enriquecido o material da nossa corporação e simultaneamente proporcionado mais um importantissimo recurso de auxilio, o que decerto modo virá valorisar o nosso esforço, boa vontade e acendrado entusiasmo.

Amigos:

QUONCEBIDA a idéa dum número antigo no dia do aniversário da instalação da colectividade que na minha terra tem por fim socorrer os seus habitantes em casos de grande calamidade, permitam-me que eu, apesar da absoluta esterilidade de motivos na arte de escrever, ligeiramente reconstrua um tétrico e pavoroso quadro, desde há muito gravado na minha mente.

A horas mortas duma noite quente de Julho, foi a cidade despertada pelos sinais e gritos aflitivos de socôrro, pelo barulhar espavorido das ruas e pela ânsia com que os voluntarios, correndo procuravam multiplicar as suas energias na extinção dum violentissimo incendio de sinistros clarões a sanguíneo, que se esfumavam já na escuridão dessa noite trágica.

A abnegação de todos e a coragem de muitos impediam o avanço devorador das chamas alterosas e selvagens, animadas ainda pelo leste traçoeiro que então soprava. De repente, um ruído cavo e surdo se fez ouvir e a queda dos destroços, parecendo estremecer a terra, esmaga vidas e dilacera corações. Era a fatalidade!... Era o dever cumprido perante a divisa «Morte ou Glória!!...»

Dissipada a alucinação do momento e a densa poeira que tudo havia envolvido; dominado o terror e volvida a serenidade, surge, dentre os escombros, emoldurado pelo vão dum portal, a silhoete dum grupo constituído por dois bombeiros que, firmes, se abraçavam como petrificados.

Reconhecemo-los bem, e um deles era o n.º 35, o bom do Manuel Joaquim, que vai ser hoje condecorado pelos seus 25 anos de bom e efectivo serviço, e para quem vão as minhas saudações e a expressão da minha maior admiração.

Do novo agraciado, João da Silva, não se esquece o antigo camarada

JOSÉ DE PINA.



Miguel José Peixoto

AINDA perdura no meu espirito assim como no do público desta cidade, esse pavoroso incendio que a 13 de Julho de 1913 se manifestou na Rua Elias Garcia e que roubou a vida a este nosso camarada.

Hoje que a minha tão querida associação comemora o seu 43.º aniversário, a cuja festa todos os meus camaradas se associam cheios de satisfação e alegria, não posso, por forma alguma, deixar de me referir com palavras de saudade e com os olhos marejados de lagrimas áqueles a quem a morte roubou ao convívio dos seus camaradas e que hoje, infelizmente, não lhe podem já prestar o seu concurso.

E' triste, mas cumpro um dever de gratidão recordar tambem os nomes de Francisco Paredes, Fortunato Almeida, Alvaro de Souza, Simão de Oliveira e outros que, junto de nós e nos perigos mais iminentes arrostavam com todas as dificuldades, por mais arriscadas que fossem, em defêza do nosso semelhante. E foi assim que, Miguel Peixoto, esse nosso infeliz camarada, na ardua missão do dever e querendo honrar a divisa da nossa Associação — *Morte ou gloria*, — foi vencido por uma derrocada traiçoeira que o aniquilou instantaneamente!

Sempre a desgraça...

A Associação dos Bombeiros Voluntarios perdeu um dos seus mais dedicados camaradas, um dos seus mais valorosos e intrepidos soldados!

Ante o seu feretro perpassou uma forte rajada de sentimento e de saudade de uma população inteira que tão depressa viu desaparecer na voragem de um incendio o escravo do Dever que, não encontrando jamais barreiras ante o seu posto de honra, não hesitou um momento na estonteante hora do perigo.

Miguel José Peixoto morreu depois de ter prestado 20 anos de serviço, tendo merecido a medalha de prata de Merito e Filantropia, o que deverá servir de estímulo aos novos, mostrando-lhes o quanto pode a coragem e a abnegação.

Era um agulheta audaz, defrontando-se sempre, arrojadamente, com a morte e como operário inteligente que era, desempenhava o lugar de mestre afinador na importante Fabrica do Castanheiro, contando 41 anos de idade.

A Associação dos Bombeiros, apreciando o ultimo sacrificio do brioso bombeiro, e, tendo em vista as precárias condições económicas em que ficava a família, concede-lhe, bem como a Ex.ª Camara Municipal de Guimarães, uma pensão.

Que descanse em paz o saudoso morto, nosso bom e leal camarada, e, sobre o seu túmulo, desfolham os seus camaradas, no dia de hoje, as flores da sua saudade e da sua gratidão.

RAFAEL DA ROCHA GUIMARÃES

Voluntario n.º 7.

Autographo do hymno dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães

*Amem outros, no ardor da batalha
Ceifar vidas e louros aos ceus,
A affrontar audazmente a metralha,
Sem saber muitas vezes por quem.*

Chôro

*Nós tambem arrostamos a morte,
Para nós seus phantasmas são vãos;
Mas, se a vida jogamos á sorte,
E' salvando a de nossos irmãos.*

Chôro

*Não queremos a gloria bastarda
Que se nutre d'um odio feroz;
Se algum sangue tingir nossa farda
Seja apenas vertido por nós.*

Chôro

MARTINS SARMENTO.

Bombeiros Voluntários

É UMA das colectividades onde o altruismo dos homens melhor se evidencia em actos de denodada abnegação, de corajoso e heroico sacrificio. E tanto maior é este altruismo quanto é certo que, muitas das vezes, para salvar a vida dos outros é expondo duramente a própria vida.

Quem os não viu ainda, em pleno incendio ateado, escalando as janelas ágilmente, romper atravez das labaredas, galgar as paredes que se desmoronam ruidosamente e, em meio da água combatendo o fogo, dos braços que se erguem súplices, do côro das vozes afflitivas, lutar febrilmente, rodeado de mil perigos e desafiando a morte?

Tal é a nobre e sagrada missão dêste benemérito da sociedade, que, á primeira voz de alarme, a miúdo estremunhando-o num descuidado sono, sentindo arfar-lhe o peito veemente, acorre pressuroso a poupar tantas vidas e bens preciosos. São inúmeros os casos de pavorosos incendios que consternaram o coração da humanidade e em que o heroismo do Bombeiro foi pôsto á prova em mil episódios emocionantes, em dramas de lágrimas. Rememora-los seria dedicar um padrão de glória a êsses corajosos moços que por toda a parte espalham o Bem sempre que deles a humanidade carece.

Em Guimarães esta instituição conta já na sua história inolvidáveis gestos de abnegação e sacrificio que aqueles que os presenciaram poderão narrar comovidos. Raramente porém, e felizmente, tem acontecido de se desenvolver trágicamente o pasto das chamas, tal é a bela organização que esta cidade possui e os nobres corações que encerra a sua corporação. Só temos que a felicitar. Honra lhe seja feita.

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

Him óóóóó, him óóóóó, him óóóóó

SINAL de perigo!... Os bombeiros reuam... porém, duma dependência do prédio em chamas, ouvem-se angustiosos gritos de socorro; comandante e patrões interrogam-se num olhar de indecisão e anciedade; o momento reclama uma rápida solução; periga a vida do bombeiro mas outra vida se aniquilará, para sempre na horrivel sofreguidão devastadora das chamas se não correm em seu auxilio.

O pânico assalta os espiritos; rostos duma palidez inquietante descobrem-se aqui e ali, mal alumados pela luz dos archotes chocam-se os clamôres num ruido aterrado de afflicção... de súbito, o silvo agudo de um apito corta o espaço e descreve em som este sinal — *tó tó rritó hi tóhi, hi tóhi* — os intrépidos bombeiros reúnem á volta do comandante que ordena a chamada; verifica-se por esta, faltar o bombeiro n.º 57 da 2.ª esquadra, e quando todos, num impulso de abnegação admirável se dispõem, custe o que custar, ir em socorro do seu companheiro desaparecido, este surge, do local do sinistro, morto de fadiga, sem capacete, os cabelos e o rosto tocados pelo fogo, a roupa esfarrapada, mas segurando ainda nos braços, vitorioso, uma criança com vida, aquela criatura que ao sinal de perigo dado, se ouviu soltar lancinantes gritos de socorro e desespero. Salva!!...

Belo exemplo de intrepidez!
Grande acto de heroismo!

Morte ou Glória é a vossa divisa, Voluntários de Guimarães!

Por ela arriscais a vida, por ela prestais relevantissimos serviços a uma população inteira.

A simpatia que a todo um povo inspira a vossa humanitária associação, vos sirva de prémio ao vosso manifesto espirito de abnegação, ao vosso amor pela humanidade, aos vossos feitos, e hoje que, com bem justificadas razões, comemorais festivamente o já 43.º aniversário da fundação de tão prestantíssima colectividade que, tal como se acha organizada, é incontestavelmente um dos primeiros títulos de glória da nossa terra, eu, embora chamado desafortunadamente a colaborar neste *número único*, quero acompanhar-vos nas consolações da vossa alegria, felicitando os vossos comandantes, os vossos patrões, os bombeiros condecorados pelos seus 25 anos de bom e efectivo serviço, todos os demais elementos que compõem o corpo activo e a vossa direcção, podendo garantir-vos que nestas felicitações vai o sentir unânime da população vimezanense.

Vivam os Voluntários de Guimarães!
Salvè dia 19 de Março de 1920!

J. RORIZ.

Modesta Saudação

FELIZES os que ao árduo labor quotidiano, que fornece meios de subsistência, podem furtar e furtam voluntariamente umas horas para se dedicarem a obras humanitárias, que trazem como recompensa uma doce alegria íntima, marcada indelevelmente pela gratidão alheia.

A' civilização devemos esta nobilíssima aspiração do bem do próximo no instante em que êle corre perigo e carece de nós, do nosso auxilio serêno e reflectido, porque va de fóra, não tocado do frenesí da batalha que se trava adentro do domicilio de outrem. Certo: a civilização, essa grande propulsora dos bons intuitos humanos, na adstringência social que necessitava fomentar, achou, e bem, que precisariamos auxiliarmo-nos mutuamente para que vantagens se estendessem

por igual a todos nas graves crises a que todos estamos sujeitos.

E foi assim que, mercê dessa clarividência que com o andar dos tempos, digam o que disserem, se vai acentuando cada vez mais inteligentemente e numa extensão já considerável, pudemos chegar ao ponto de ninguém, ou quasi ninguém, dever concluir que está só na desgraça, isolado de todo o bem, sequestrado da benemerência que o levante do caos a que o acaso nos condena a cada passo.

E' verdade que ainda ha muitos senões a expurgar e tantos que ninguém poderá fixar-lhes o número: o egoismo humano, espécie de língua de fogo que alastra assustadoramente e para a extinção da qual se anseia por um antidoto eficaz, é ainda no momento barreira insuperavel á marcha regular e completamente vitoriosa da parte sã da sociedade que aspira ao bem comum, estável, definitivo.

Eu sou, porém, dos que crêem firmemente na solução, satisfatória e radical, do problema, tanto mais que, de um modo irrecusavel, se vem manifestando uma tendencia natural nos homens para a constituição de grêmios que tem por único fim — espalhar indistintamente o bem quando o mal assenta arraiais onde quer que seja.

E é de notar que, ao contrario do que em outros tempos e em virtude de nocivas doutrinas se praticava, pretende-se agora, principalmente, que a benemerência assim difundida não aguarde prémio pessoal retumbante, no intuito de gosar a vanglória do acto levado a efeito.

Simple, cristãmente, o homem vai compreendendo que de sua livre e espontânea vontade, alheio a recompensas que anuviariam as suas intenções, deve acorrer ao mal para o debelar em beneficio de alguém que houve de ser sujeito á sua amargura.

E então, se bem que de humilima condição social, êle ultrapassa os que ao acaso devem lugar mais elevado, porque o homem — e assentemos com firmesa neste axioma — representa, de facto, o valor que emana das acções que pratica e não de meros convencionalismos, pois êstes não passam de mentiras depravadas e impudentissimas que só espiritos tacanhos valorisam e creditam no mercado... mundial.

A benemerita Associação dos Bombeiros Voluntários da minha terra, conhecidissima em todo o país pelo espirito de sacrificio que em vários lances tem revelado e ainda pela correção, não excedida, do seu porte; moderna, progressiva, impondo-se como uma das agremiações que mais honram a cidade de Guimarães, — pertence ao número daquelas colectividades que prestam culto sincero á almejada solidariedade definitiva entre os homens, pondo a sua acção potente ao serviço dos que, num dado momento, correm o risco de tudo perder.

Numa terra onde as coisas boas, úteis, tem pouca dura, é motivo de intenso júbilo registar que ainda existe, florescente e afinçada aos seus primitivos propósitos, a humanitária corporação que aqui foi criada vai para meio século.

E porque passa agora o aniversário da sua fundação — facto para mim notavel pela profunda simpatia que voto a sociedades desta natureza — respeitosamente me descubro para, de coração nas mãos, proferir o meu modesto — **Salvé!**

Março de 1920.

SERAFIM RODRIGUES.

Aniversario

AO passar, no dia de hoje, o aniversário natalício do nosso particular amigo e colaborador José Roriz, os iniciadores dêste número único felicitam-no cordalmente.

RAFAEL R. GUIMARÃES
ALVARO FERRA.

Associação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães

DIRECÇÃO

PRESIDENTE

P.^o Abilio Augusto de Passos.

VICE-PRESIDENTE

Francisco da Silva Pereira Martins.

1.^o SECRETARIO

Eduardo de Lemos Motta.

2.^o SECRETARIO

José Ferreira Ramos.

TESOUREIRO

José Menezes d'Amorim.

CORPO ACTIVO

COMANDANTES

1.^o Simão da Costa Guimarães

2.^o José Luiz de Pina.

PATRÕES DE ESQUADRAS

1.^o Eduardo da Silva Guimarães

2.^o Avelino da Silva Guimarães.

ASPIRANTES

Gaspar Bourbon

João d'Almeida

Manoel Joaquim

José Crisostomo da Silva Bastos

Henrique de Souza Correia Gomes

Francisco Ramos.

BOMBEIROS

Domingos Lopes

José Torquato Ribeiro

Luiz Garcia Martins

José Pereira de Faria

Rafael da Rocha Guimarães

Antonio da Silva Guimarães

José de Magalhães

Antonio Paulo da Silva

Francisco Pereira

Theodoro Leite

Joaquim Ribeiro

José António d'Almeida

José Mathias Pereira

Francisco Ferreira d'Andrade

Emiliano Mendes

Manuel Ferreira da Costa

José Salgado

Domingos de Freitas

Candido Soares Barbosa d'Oliveira

Agostinho Fernandes Rocha

Antonio Alves Pinto

Domingos José Nunes

João da Silva

Antonio da Silva

Joaquim de Magalhães Bastos

Manuel Rodrigues

João Mendes Guimarães

Joaquim Gomes d'Oliveira

Serafim Pereira

Sebastião Mendes

Francisco da Costa

Carlos Gonçalves Coelho

Antonio Francisco Lobo

Fernando da Cunha

Domingos Pereira Guimarães

Emilio Castelar Guimarães

Domingos d'Oliveira

Sebastião de Freitas

José Joaquim d'Almeida Junior

Carlos de Sousa Ribeiro Forte

Abilio Caetano de Magalhães

João Affonso Maduro

Antonio Martins da Silva

Carlos da Silva Oliveira Salgado

Domingos Pereira de Lima

Antonio de Freitas Roriz

Manuel de Freitas

João de Abreu

Alvaro d'Oliveira Guimarães

José Gonçalves

Casimiro Gonçalves Ribeiro.

CLARINS

Antonio Joaquim d'Oliveira

Antonio de Carvalho

José Pinto

Moysés de Macedo.

AUXILIARES

Bernardo Coelho

Jeronymo Machado

CONTINUO

Isaac Pereira.

Um incendio

OS sinos da Oliveira tocavam furiosamente a rebate acordando-nos em sobresalto com o badalar violento, naquela noite ardente de Julho de 1913.

Na rua ouviam-se passos apressados, ferindo a calçada, de pessoas que correm e gritos de aflicção de quem pede socorro.

O som timbrado das cornetas dos bombeiros repercutia nas dobras das ruas quebrando o silêncio daquela hora da madrugada.

Abriendo os olhos vi o clarão enorme que iluminava o meu quarto de dormir. Levantei-me á pressa e corri á janela.

O espectáculo que se apresentava diante da minha vista era magnifico e de magestade e horror.

As chamas erguiam-se em colunas gigantes, abrazando o ceu, afogueando o espaço, iluminando o ambiente com a luz sinistra da morte.

O palacete Bombeiro destacava-se por entre aqueles braços de fogo, projectado no fundo escuro do firmamento enegrecido pelo fumo, começando já a ser abraçado num amplexo diabolico de lume.

Uma maré forte e quente soprava de leste. Abafava-se de calor.

Era uma scena infernal de chama e fogo, de mistura com gritos de desespero. Por entre o ruido de quem estava, ouvia-se de vez em quando o silvo agudo do apito do comandante que dirigia a manobra de ataque, mas o fogo ia-se apoderando totalmente do edificio, não obedecendo aos jactos fortes de agua fria.

Por entre a multidão correu uma voz que ainda se encontrava, dentro do edificio em chamas, uma criança de quem ninguém se lembrou nos primeiros momentos de pânico.

Os bombeiros, infatigaveis, indo dobrando de esforços, procuravam defender os predios visinhos.

A primeira derrocada varara de cima a baixo a casa proxima, que ficou em ruínas.

No desvão duma janela expunha-se com temeridade um rapaz ainda novo que procurava dominar o avanço das chamas.

O perigo é manifesto, mas ninguém arreda pé do seu posto.

Mais uma derrocada e lá fica esmagado, debaixo do pêso duma enorme pedra, o infeliz Cartada.

Debaixo presenciam-se esta scena dolorosa, mas ninguém desfalece. De repente abate o beiral do telhado e debaixo dos seus escombros fica, sem vida, mais um moço cheio de arrojo e valentia.

Em tanto as labarêdas, cada vez mais vermelhas, mais acesas, vomitando lufadas de fumo que sobe para o ceu, vão reduzindo a cinzas o grande prédio que horas antes existia na rua de Santa Maria.

Na madrugada lá passaram, estendidos em macas, acompanhados pela multidão silenciosa e cheia de respeito, os cadáveres dos dois obscuros heróis que morreram no seu posto de honra, como soldados no campo honroso da batalha.

Benditos os humildes que assim sabem morrer.

P.^o CARLOS.

In memoriam

ERA nosso intento reproduzir neste lugar o discurso proferido pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida junto do coval do nosso saudoso camarada Miguel Peixoto.

A falta de espaço, porém, inibe-nos de o fazer, não deixando comtudo de depôr a nossa corôa de lagrimas junto do ultimo reducto do saudoso extinto.

O Heroe do Amor

Aos Bombeiros da minha terra no XLIII aniversário da fundação da ilustre e benemerita colectividade que é uma das maiores glórias de Guimarães.

Heroe que a vida expões afim de salvar vidas,
Heroe que entre os heroes és grande, és o primeiro,
A ti vão de minh'alma as expressões sentidas
D'afecto e gratidão devidas ao Bombeiro!

Por entre a chama intensa a procurar os pobres,
Que a chama quer matar em seu voraz labor,
Tu destemido e pronto e nobre entre os mais nobres
Lá vaes em seu socôrro, heroico salvador.

Tu entras numa lucta em tudo singular:
Ha dois fogos a arder, ha chama contra chama:
No espaço o que procura a vida aniquilar,
E em tu'alma o amor — o fogo que te inflama.

As victimas que vês em imminente p'riego
De nas chamas morrer, as victimas quem são?
Respondes-me: — "Não sei! Amigo ou inimigo,
Por elle exponho a vida — é sempre um meu irmão."

E vaes!... A aureolar a tua frente augusta
Ha os clarões da luz, da chama que devora,
E n'alma a piedade imensa, santa e justa
Ao misero que geme e o teu auxilio implora.

E nessa lucta ingente, egregio Soldado
Da milicia do Amor, por lei tens o Dever!
E para conservar teu nome immaculado
Esta divisa tens — **luctar até morrer!**

Se vences nessa lucta, irá o nosso amor
O preto seu render á tua imensa gloria!
Se morres, oh! então tu tornas-te maior:
Serás bemdito em Deus! Serás grande na Historia!

Por isso heroe que a vida expões a salvar vidas,
Heroe que entre os heroes és grande, és o primeiro:
A ti vão de minh'alma as expressões sentidas
D'afecto e gratidão devidas ao Bombeiro!

Guimarães, 19—III—1920.

P.^o GASPÁR RORIZ.

TENHO pena de não estar hoje de maré nem dispor de tempo para acceder condignamente á gentil solicitação que me dirigiram. Por certo a Associação H. dos Bombeiros Voluntários de Guimarães é uma das mais úteis e honrosas instituições da minha terra e do meu país. Nós todos, os habitantes da cidade e até das aldeias, lhe devemos gratidão e carinho. Mais porque corremos a constante ameaça e nos conforta a segura esperança de lhe devermos a salvação dos bens e da própria vida. Depois é modelar em todos os seus aspectos, no desinteresse e altruismo da sua organização, no nobre zêlo, fleugmática e cavalheiresca dedicação dos seus comandantes, filhos ilustres da nossa terra, no aprumo, energia e heroismo dos seus soldados e até no brilho claro dos seus metais, na sua ordem perfeita. Tem os seus herois, os seus martires e os que lhe sacrificaram abnegadamente valores, trabalho, comodidades...

Conforta o meu coração de homem e o meu muito orgulho de vimezanense. Louva-la é pura e graciosa redundância. Ela está consagrada na unânime simpatia da cidade inteira e bêm de sobêjo a merece. Como disse o outro, ao saber da festa de 19 de março — Homem, neste século de bombas e neste meio de bombistas, o bombeiro ainda é uma criatura estimável!

Bate certo. O assunto é lindo, mas eu não posso. Para outra vez. Na certeza de que sempre que os vejo passar, aos bombeiros, o coração me bate de comovida simpatia.

EDUARDO D'ALMEIDA.

Saudação

NUMA nação socialmente desorganizada devido a causas de ordem múltipla, sendo a principal a indisciplina que actualmente reina em todas as classes, corporações como a dos Bombeiros Voluntários da nossa terra são organismos a todos os títulos utilíssimos.

Pelos relevantes serviços altruistas que nos seus 43 anos de existência tem prestado, pela sua perfeita organização interna, pela correcção, aprumo e competência técnica do seu pessoal, pelo espírito de solidariedade que a todos une e, sobretudo, pelo sentimento duma disciplina consciente e voluntária que todos aceitaram como o cumprimento dum dever desinteressado e nobre — a Associação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães é, a meu vêr, uma agremiação modelar.

Há quem erradamente julgue que só na classe militar é admissível e aceitável uma disciplina rígida. Não é assim. Dois exemplos frisantes: foi a disciplina social que fez a grandeza do povo alemão; foi a indisciplina e a desordem que fizeram a derrocada do império russo. Por isso, em todos os tempos e muito mais nesta hora de crise terrível que atravessa a sociedade portuguesa, tudo o que seja apoiar, nobilitar, engrandecer, defender a existência de associações baseadas na disciplina, na ordem, no auxilio mútuo, como esta dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, é cooperar na obra da regeneração nacional, é proceder como português e como patriota.

Março de 1920.

M. C.

Em festa!

AVIGORAR-NOS, e a tornar-nos audaciosos pela causa que defendemos, está a data que comemoramos e que é a afirmação integral de que a persistencia é o impulso mais rigoroso que podemos dar á nossa querida Associação!!

Quarenta e três anos de lucta!!

Quantas energias despendidas nessa lucta constante que a morte cruel e implacavel arrebatou já?

Quantas boas vontades empenhadas no seu desenvolvimento a afirmar um passado de trabalhos e abnegações numa ambição constante de luctadores formando homens que saibam discernir e ter um desmedido amor á bela e gloriosa missão de bombeiro voluntario!

*

Por isso o dia de hoje é de festa e de triunfo para todos aqueles que se tem esforçado para dar o brilho e o lustre que a Associação dos Bombeiros Voluntarios de ha muito conquistou, honrando a cidade de Guimarães e o paiz.

Que ela continue sempre levantando bem alto, immaculado e puro o seu sublime pendão cuja divisa é mais que um programa porque é bem uma estrofe de poema heroico « Morte ou Gloria! »

Março, 1920.

A. FERRA

Voluntario n.º 57.

Salvé!

SALVÉ o dia 19 de Março de 1920 — 43.º aniversário da briosa corporação dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães!

Salvé!

ANTONIO DANTAS.

OS VOLUNTARIOS

NADA para mim foi sempre tão simpatico e digno da minha maior admiração como as benemeritas corporações de Bombeiros Voluntarios, pelo seu espirito altamente humanitario, altruista, cheio de desinteresse e de abnegada heroicidade.

Foi essa minha grande simpatia e verdadeira admiração pelos Soldados do Bem que me levou, que me arrastou, como uma corrente impetuosa, para junto dos briosos e activos bombeiros voluntarios de Guimarães.

Alistei-me ha onze anos — parece que foi ontem — e não posso deixar de evocar com profunda saudade o dia feliz em que pela primeira vez transpuz os humbrais da benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães, por ver satisfeito um sonho, realizada uma aspiração...

E' hoje festejado solenemente o seu 43.º aniversario. Nada mais justo. A nossa querida Associação merece todas as consagrações, todas as honrarias, porque ela, pelo esforço constante e persistente dos seus antigos comandantes e dos actuais, Ex.^{mos} Senhores Simão da Costa Guimarães e José Luiz de Pina, — verdadeiros apóstolos de um ideal de amôr e de humanidade, — vem prestando, no decurso já longo dos seus quarenta e três anos de vida, os mais valiosos e assignalados serviços á cidade de Guimarães, que se orgulha tambem por a contar no Livro de Oiro das suas instituições, como uma das mais briosas, mais distintas e mais estruturalmente disciplinadas.

E' dia de festa e de recordações para todos nós, bombeiros voluntarios!

Procuremos pois, todos unidos e disciplinados, como um só homem, eleva-la, dignifica-la e engrandecel-a como os nossos antecessores tão brilhantemente o fizeram.

Honremos-lhes a memoria e, sempre com os nossos olhos fitos na divisa do nosso glorioso estandarte, — que é a mesma dos antigos cavaleiros portugueses, *Morte ou Gloria!* não esmoreçamos nunca! Continuemos com coragem e com decisão, sem desfalecimentos, só proprio de fracos ou pusilanimos, a marcha gloriosa e triunfal da nossa amada Associação, porque a tarefa a que a nós proprios nos impozemos é bela, é humana. E' uma cruzada nobilissima que ha-de ter sempre o reconhecimento e as benções dos filhos de Guimarães.

Guimarães, 19/III/1920.

AGOSTINHO ROCHA.



Tipografia "PORTO MEDICO,"

Propr. da Sociedade Grafica, Lda.

Praça da Batalha, 12-A — PORTO

TELEFONE 978

Programa

NO dia 19 do corrente a corporação dos Bombeiros Voluntarios realiza uma festividade, solenizando o 43.º aniversario da sua fundação.

O programa é composto dos seguintes numeros: alvorada por duas bandas de musica e salvas anunciadoras; ás dez horas missa em S. Francisco, com a assistencia de todo o corpo activo, por alma dos socios falecidos e sessão solemne, sendo distribuidas medalhas aos voluntarios que completaram 25 anos de actividade.

Da tarde haverá sessão de marcha luminosa e á noite illuminação electrica com duas bandas de musica e cinematografo ao ar livre.

Atlantica

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital: 500 contos

SÉDE: PORTO—Loios, 92

Telegramas: "Atlantica,,—Porto

AGENCIA EM GUIMARÃES: Passeio da Independência

1800 correspondentes no paiz

Seguros contra todos os riscos de fogo, roubo, tumultos, assaltos, guerra, guerra civil, granizo, inundações, etc.

Seguros marítimos contra todos os riscos.

Comissarios de avarias em todos os portos do mundo.

Delegado nesta cidade: HORACIO BARREIROS

SAGRES

Companhia de Seguros Luso-Brasileira

CAPITAL 2.000:000\$00

Seguros marítimos, terrestres, incendios, agricolas, postaes e contra greves, tumultos e roubos.

Séde: Rua de S. Julião, 19-2.º—LISBOA

Correspondente em Guimarães:

Jeronymo Ribeiro da Costa Sampaio

Seguros:

DOMINGOS PIRES

Representante das Companhias de Seguros contra fogo "Europa", de vida "A Nacional", e civis "La Preservatrice"

Toural—GUIMARÃES

Companhia de Seguros

"O FUTURO,,

Seguros contra incendios, vidas e accidentes de trabalho

Capital: 1:000.000\$00

Correspondentes em Guimarães:

BENJAMIM DE MATOS & C.ª, L.ª

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital 500:000\$00

SÉDE NO PORTO

Rua de Trás, 7-2.º (aos Loios)

Agente geral em Guimarães:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Praça da Republica, 144

BANCO DE SEGUROS

Capital 3.000 contos

Rua da Victoria, 73—LISBOA

Efectua seguros contra todos os riscos, incluindo greves, assaltos, accidentes de trabalho e todos os riscos de vida

Medico: DR. ANTONIO JOSÉ RODRIGUES TORIZ

Correspondente em Guimarães:

CASA MOUTINHO

Praça D. Afonso Henriques, 78 a 82

A Seguradora

Companhia de Seguros e Reseguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SÉDE NO PORTO: Rua das Flôres, 118

Capital social: 500.000\$000 réis

Idem realizado: 250.000\$000 „

Efectua seguros contra incendio

„ „ „ marítimos e guerra
 „ „ „ quebra de cristais
 „ „ „ assaltos, greves e tumultos
 „ „ „ postaes

Representante nesta cidade e concelho:

AVELINO DA SILVA GUIMARÃES

Rua de Camões

Ex.ª Snr.

Geradorade Martins Larmont
R. Pais Silva

Guimarães

